

a página teen.

Resolução para o Ano Novo



Afora tu mesmo, ninguém te decide o destino... Somos tangidos por fatos e problemas a exigirem a manifestação de nossa vontade em todas as circunstâncias.

Muito embora disponhamos de recursos infinitos de escolha para assumir gesto determinado ou desenvolver certa ação, invariavelmente, estamos contrangidos a optar por um só caminho, de cada vez, para expressar os designios pessoais na construção do destino.

Conquanto possamos caminhar mil léguas, somente progredimos em substância avançando passo a passo.

Daí, a importância da existência terrena, temporária e limitada em muitos ângulos porém rica e promissora quanto aos ensejos que nos faculta para automatizar o bem, no campo de nós mesmos, mediante a possibilidade de sermos bons para os outros.

Decisão é necessidade permanente.

Nossa vontade não pode ser multipartida.

Idéia, verbo e atitude exprimem resoluções de nossas almas, a frutificarem bênçãos de alegria ou lições de reajuste no próprio íntimo.

Vacilação é sintoma de fraqueza moral, tanto quanto desânimo é sinal de doença.

Certeza no bem denuncia felicidade real e confiança de hoje indica serenidade futura.

Progresso é fruto de escolha.

Não há nobre desincumbência com flexibilidade de intenção.

Afora tu mesmo, ninguém te decide o destino...

Se a eventualidade da sementeira é infinita, a fatalidade da colheita é inalienável.

Guardas contigo tesouros de experiências acumulados em milênios de luta que podem crescer, aqui e agora, a critério do teu alvitre.

Recorda que o berço de teu espírito fulge longe da existência terrestre.

O objetivo da perfeição é inevitável benção de Deus e a perenidade da vida constitui o prazo de nosso burilamento, entretanto, o minuto que vives é o veículo da oportunidade para a seleção de valores, obedecendo a horário certo e revelando condições próprias, no ilimitado caminho da evolução. [Decisão, E - Cap. XXIV - Item 15]

Afora tu mesmo, ninguém te decide o destino...

Autor: André Luiz

Psicografia de Francisco Cândido Xavier. Da obra: Opinião Espírita



NÃO PERCAM A PRÓXIMA EDIÇÃO

Limeira Espírita

Nº 167 • NOVEMBRO/DEZEMBRO • 2011

30
ANOS



Antes dEle tudo eram sombras de ignorância, de astúcia e de perversidade.

O ser humano encontrava-se reduzido à condição de hilota, estorcegando em sofrimentos inimagináveis.

O predomínio da força trabalhava em favor da hediondez e do crime, enquanto os valores éticos permaneciam desconhecidos, e quando identificados, alguns, eram totalmente desrespeitados.

Nunca faltaram, porém, no planeta terrestre, as presenças dos Espíritos nobres que desceram às escuras paisagens para acender a luz do discernimento e oferecer as

diretrizes da justiça.

Orgulhosos, aqueles que foram seus contemporâneos, fizeram-se surdos e cegos às suas mensagens., permanecendo iludidos pela prepotência, preferindo esmagar os povos que encontravam pela frente, sem qualquer sentimento de humanidade ou de compaixão...

Os carros da guerra espalhavam o horror, enquanto a fome e a hediondez campeavam à solta, esmagando vidas que não dispunham de oportunidade de desenvolver-se.

A juventude louçã e as arbitrárias condições em que alguns indivíduos se encontravam,

deles faziam títeres e condutores insanos das massas quase asselvajadas.

É certo que floresceram também a filosofia, as artes, o espiritualismo e as musas desceram várias vezes do Olimpo de cada povo, cantando a beleza, a sabedoria, a bondade, e vez que outra, o amor...

Generalizada a opressão, a sociedade podia ser dividida em

VEJA NESTA EDIÇÃO

- Andar em amor
- Testemunhos de Amor
- A página teen

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

apenas três grupos: vencidos, vencedores e não conquistados...

As condições de primarismo então vigentes, tornavam a existência humana de breve curso, durante o qual se deveria fruir de todos os prazeres imagináveis, custassem todo e qualquer sacrifício exigido.

Honra e dignidade valiam o preço da vergonha.

Havia, sim, exceções, que constituíam oásis morais de esperança, no imenso deserto dos sentimentos.

As gerações sucediam-se enganadas e enganadoras, como contínuas camadas de areia sopradas pelos ventos ardentes dos tempos de desespero.

Foi nesse cenário moral torpe, embora a magia encantadora da Natureza, que Jesus nasceu.

A Sua chegada à Terra, precedida pelos cânticos sinfônicos dos seres angélicos e dos mensageiros da paz, criou uma psicofera até então desconhecida, iniciando-se um período especial para a sociedade.

Espontâneo como as aragens perfumadas do amanhecer, Ele chegou suavemente e se instalou nos corações.

Nobre como uma labareda crepitante, Ele deu início ao incêndio que faria arder as construções do mal.

Gentil como o sorriso das flores, derramou claridades diamantinas, vencendo a escuridão vigente.

Bom como um favo de mel, adoçou as vidas que defrontou pelos caminhos, que passaram a cultivar a bondade e o amor em Sua Memória.

Terno como a esperança, enriqueceu de alegria todos aqueles que se Lhe acercaram.

O Seu Natal é o poema de alegria que vem dos Céus na direção da Terra atormentada, tornando-se um hino de perene beleza, que se sobrepõe à algazarra da zombaria e à balbúrdia do sofrimento...

A Associação Espírita de Estudos Evangélicos "Francisco de Paula Victor", agradece a todos que colaboraram na realização das atividades de 2011, e deseja a todos um Feliz Natal e um Ano Novo repleto de bençãos.

Limeira Espírita
Expediente

BOLETIM INFORMATIVO SOBRE ESPIRITISMO

Associação Espírita de Estudos Evangélicos "Francisco de Paula Victor"

Instituição de Utilidade Pública - Lei Municipal nº 1098 de 07/03/69 - CGC 51.486.801/0001-40
Rua Armino Tank, 80 • Vila Anita • CEP 13484-299 • Limeira • SP • Tel.: (19) 3701.4092
www.paulavictor.com.br e-mail: paulavictor@limeira.com.br

Ninguém, que jamais se Lhe equipare, na forma como veio e na maneira como permaneceu no meio da estúrdia e perturbada multidão.

A música dos seres celestes na Sua noite, assinalou com insuperável sonoridade o planeta.

É verdade que, depois dEle, ainda permaneceram idênticas paisagens morais no mundo...

A diferença, porém, consiste no conhecimento que Ele propiciou para que todos aqueles que desejem vida, tenham-na em abundância.

Alargou as fronteiras da vida para além da morte e fez-se ponte para vencer o aparente abismo existente, facultando a conquista da plenitude.

O Natal de Jesus, é, desse modo, o momento culminante dos esponsais do ser humano com a Consciência Cósmica.

A partir dessa ocasião sublime, a criatura humana passou a dispor dos equipamentos e recursos específicos para a aquisição da felicidade, em qualquer situação em que se encontre.

Já não lhe devem importar em demasia as coisas, a aparência, os apetrechos que ficam ao lado da disjunção cadavérica, mas os tesouros inapreciados, que são os sentimentos edificantes, os pensamentos ditos, as ações amorosas.

Neste Natal, canta uma elegia de amor a Jesus, celebrando-Lhe o aniversário com a tua transformação moral para melhor, mantendo a tua aliança com Ele e levando-O em forma de bondade e de misericórdia a todos aqueles que cambaleiam nas sombras da dor, da revolta e do esquecimento social...

Comemora, pois, o teu Natal, de forma diferente, recordando-te da singela manjedoura que se transformou com Ele em um palácio sideral.

Joanna de Ângelis

Página psicografada pelo médium Divaldo P. Franco, na sessão mediúnica da noite de 15 de setembro de 2008, no Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador, Bahia. Em 01.02.2009.

Testemunhos de amor



Caridade e oração

O Centro Espírita Luiz Gonzaga ia seguindo para frente...

Certa feita alguns populares chegaram à reunião pedindo socorro para um cego acidentado.

O pobre mendigo, mal guiado por um companheiro ébrio, caíra sob o viaduto da Central do Brasil, na saída de Pedro Leopoldo para Matozinhos, precipitando-se ao solo, de uma altura de quatro metros.

O guia desaparecera e o cego vertia sangue pela boca. Sozinho, sem ninguém.

Chico alugou pequeno pardião, onde o enfermo foi asilado para tratamento médico. Caridoso facultativo recebeu, graciosamente.

Mas o velhinho precisava de enfermagem.

O médium velava junto dele à noite, mas durante o dia precisava atender às próprias obrigações na condição de caixeiro do Sr. José Felizardo.

Havia, por essa época, 1928, uma pequena folha semanal, em Pedro Leopoldo.

E Chico providenciou para que fosse publicada uma solicitação, rogando o concurso de alguém que pudesse prestar serviços ao cego Cecílio, durante o dia, porque à noite, ele próprio se responsabilizaria pelo doente.

Seis dias se passaram sem que ninguém se oferecesse.

Ao fim da semana, porém, duas meretrizes muito conhecidas na cidade se apresentaram e disseram-lhe:

- Chico, lemos o pedido e aqui estamos. Se pudermos servir...

- Ah! como não? - replicou o médium - Entrem, irmãs! Jesus há de abençoar-lhes a caridade.

Todas as noites, antes de sair, as mulheres oravam com o Chico, ao pé do enfermo.

Decorrido um mês, quando o cego se restabeleceu, reuniram-se pela derradeira vez, em prece, com o velhinho feliz.

Quando Chico terminou a oração de agradecimento a Jesus, os quatro choravam.

Então, uma delas disse ao médium:

- Chico, a prece modificou a nossa vida. Estamos a despedir-nos. Mudamo-nos para Belo Horizonte, a fim de trabalhar.

E uma passou a servir numa tinturaria, desencarnando anos depois, e a outra conquistou o título de enfermeira, vivendo, ainda hoje, respeitada e feliz.

Livro: Lindos Casos de Chico Xavier
Ramiro Gama

Andar em amor

“[...] e andai em amor, como também Cristo nos amou... (Paulo)¹

Os textos evangélicos das epístolas de Paulo, endereçadas aos jovens adeptos da Boa Nova, visavam recomendações para os fundamentos da doutrina do Cristo. Tais recomendações, porém, não se limitaram à época. Ensejaram, até hoje, reflexões oportunas e de elevado caráter moral.

É o caso, por exemplo, do trecho em epígrafe. Ele foi endereçado aos cristãos em Éfeso, aproximadamente em 64 d.C., e assevera-se que Paulo o fez de Roma, onde estava preso.

Ele já havia endereçado outra correspondência com o mesmo teor, exortando os cristãos a andarem “de modo digno do chamamento com que foram chamados”.²

Emmanuel, utilizando-se do verbo empregado por Paulo, deixou-nos expressiva página de esclarecimento, na obra *Bênção de Paz*.³

Explica-nos, o benfeitor espiritual do saudoso médium Chico Xavier, que o verbo andar abrange muito mais que simplesmente caminhar. Envolve nosso modo de proceder, de agir e, até mesmo, de existir. É dessa maneira, por exemplo, que nos sacrificamos para andar de acordo com as últimas tendências da moda ou com os hábitos do nosso tempo. Geralmente, expressamos as características do grupo social a que pertencemos e, o que é grave, muitas vezes absorvendo os preconceitos da sociedade que vivemos.

Há que se considerar, ainda, a grande influência da cultura do local que nos acolhe. É assim que, por exemplo, determinados costumes dos povos do Oriente não se repetem no Ocidente. O que pode ser considerado perfeitamente normal em determinada região, chega a ser até mesmo ofensivo em outras e vice-versa. Cada povo possui características próprias, que falam da sua “personalidade” no planeta. Não é por outro motivo que determinados comportamentos são pautados pela tradição local, outros influenciados pelo clima etc.

De qualquer forma, lembra-nos o querido

benfeitor que, desde que a boa consciência esteja na base do caminho de cada pessoa, todo estilo de andança é respeitável, mas não podemos esquecer que o Evangelho do Cristo nos serve de “modelo imperecível” nesse particular, recomendando seus seguidores a “andar em amor”.

A advertência é oportuna porque nos recorda do cuidado que nos compete na vida comum. Comportamento ilibado dentro da casa espírita nem sempre se reflete na conduta verificada fora das suas dependências. A questão diz respeito a todos nós que nos expomos como humildes operários do Cristo e que, por conta das nossas obrigações espíritas, acabamos por envergar o nome da instituição que nos abriga como uma espécie de “sobrenome”: “Olha, lá vai o Alberto, do Centro Espírita X”! E aí do Alberto (e da casa espírita que ele representa), se ele não “andar” dentro dos padrões que se esperam de um discípulo do Cristo.

José Raul Teixeira, em uma de suas preleções, certa feita foi enfático ao afirmar que, quando alguém se levanta para falar na tribuna espírita, por exemplo, é o Espiritismo quem se levanta com ele. Daí a responsabilidade que nos cabe de atender ao apelo do apóstolo Paulo.

Repetindo Emmanuel,³ concluímos:

“Estejamos, assim, no passo de nossa época, buscando o progresso e fazendo o melhor ao nosso alcance para elevar o nível espiritual do nosso campo de ação. Contudo, é preciso não olvidar que somente conseguiremos caminhar na direção da felicidade e da paz, servindo-nos mutuamente e amando-nos uns aos outros como Jesus nos amou”.

Referências:

1 – Efésios 5:2

2 – Efésios 4:1

3 – XAVIER, Francisco Cândido. *Bênção de Paz, pelo espírito de Emmanuel*, 4. ed., São Bernardo do Campo, SP, Grupo Espírita Emmanuel, 1976, p.118.

Perguntas que nos fazem

Qual deve ser a atitude dos dirigentes espíritas relativamente a essa enxurrada de obras mediúnicas de origem duvidosa, que tem infestado o mercado de publicações espíritas nos últimos tempos? Será que Kardec, no seu tempo, ficaria calado diante dessas obras?

Acredito que num período em que o planeta está vivendo tormentos de todos os tipos, confirmando o que considera Allan Kardec, em seu livro *A Gênese*, ao afirmar que, hoje, não são mais as entranhas do planeta que se agitam: são as da Humanidade, não poderia o nosso Movimento Espírita estar livre dessa avalanche atormentadora de más influências, seja de indivíduos aventureiros e insanos - que anseiam por vitórias passageiras e/ou lucrativas, sem a necessária consciência do tipo de semente que estão plantando para colheita complexa no porvir - seja de entidades desencarnadas que continuam zombando dos esforços da Luz, das Falanges Crísticas, que visam desfazer as sombras que se demoram sobre a Terra.

Na medida em que os dirigentes espíritas vão se tornando mais lúcidos e, por conseguinte, mais coerentes com os princípios do Espiritismo, conseguem dar-se conta de que qualquer obra que divulguemos em nome da nossa Doutrina deve ter a chancela do bom senso kardequiano. Compreenderão que não vale oferecer ao grande público tudo o que vai surgindo no mercado livresco porque tenha o título de obra mediúnica ou espírita, a fim de obter o tão esperado “lucro”. Primeiro, porque nem tudo o que é mediúnico tem que ser espírita, já que a mediunidade não é patrimônio do Espiritismo. Segundo, porque o critério utilizado pelo Codificador do Espiritismo para a seleção e publicação de textos é bastante rigoroso, indiscutivelmente responsável. Sempre que alguém se põe a publicar e a comercializar produtos sem qualidade genuinamente espírita, no mínimo comete o erro de lesa-verdade espírita, o que ao longo do tempo deve acarretar muitas coisas graves nas mentes dos que as leem sem os necessários filtros do conhecimento dos livros de Kardec.

Com relação a Allan Kardec, estou certo de que não aceitaria tal fato com a passividade que temos encontrado no nosso Movimento, uma vez que são muitos os dirigentes, nos mais variados níveis de responsabilidades, que não têm coragem de afrontar o status quo vigente nesse campo literário, seja para não terem aborrecimentos

e se pouparem das investidas retaliadoras dos interessados na manutenção do que acontece agora, seja porque também não dispõem do necessário senso crítico para ver os elementos antiespíritas ou inverídicos que tais obras contêm.

É na Revista Espírita, publicada por Kardec no mês de maio de 1863, quando ele faz um exame das comunicações mediúnicas que lhe eram enviadas, que encontramos suas palavras dizendo: Em grande número encontramos-as notoriamente más, no fundo e na forma, evidente produto de Espíritos ignorantes, obsessores ou mistificadores e que juram pelos nomes mais ou menos pomposos que as assinam. Publicá-las teria sido dar armas à crítica. Vemos, assim, que o Codificador do Espiritismo tomava posição e se pronunciava a respeito com a firmeza que o caracterizava.

Temos lido livros ditos mediúnicos onde são apresentados o chulo da pornografia, das descrições libidinosas, fantasiosas descrições que não suportam o crivo da razão espírita, ao lado de outras coisas sem nexos, sem sentido para o processo de renovação e crescimento da criatura humana, sob a ótica do Consolador. Vejamos o que escreve Kardec no texto supracitado: Para começar convém delas afastar (das massas) tudo quanto, sendo de interesse privado, só interessa àquele que lhe concerne. Depois, tudo quanto é vulgar no estilo e nas ideias, ou pueril pelo assunto. Uma coisa pode ser excelente em si mesma, muito boa para servir de instrução pessoal; mas o que deve ser entregue ao público exige condições especiais. Infelizmente o homem é inclinado a supor que tudo o que lhe agrada deve agradar aos outros. O mais hábil pode enganar-se; tudo está em enganar-se o menos possível. Há Espíritos que se comprazem em alimentar a ilusão em certos médiuns. Por isso nunca seria demais recomendar a estes não confiar em seu próprio julgamento. É nisso que os grupos são úteis: pela multiplicidade de opiniões que podem ser colhidas. Aquele que, neste caso, recusasse a opinião da maioria, julgando-se mais esclarecido que todos, provaria superabundantemente a má influência sob a qual se acha.

Vale a pena continuar a ler o que nos diz o Codificador, Allan Kardec sobre o tema em apreço: Aplicando estes princípios de ecletismo às comunicações que nos enviaram, diremos que em 3.600 há mais de 3.000 que são de uma moralidade irreprochável, e excelentes como fundo; mas que desse número não há mais de 300 para publicidade, e apenas cem de um mérito inconteste. Essas comunicações vieram de muitos pontos diferentes. Inferimos que a proporção deve ser mais ou menos geral. Por aí pode julgar-se da necessidade de não publicar inconsideradamente tudo quanto vem dos Espíritos, se se quiser atingir o objetivo a que nos propomos, tanto do ponto de vista material quanto do efeito moral e da opinião que os indiferentes possam fazer do Espiritismo.

Bem entendemos, pois, que Kardec não se acomodaria silenciosamente, como não se acomodou em sua época. Hoje em dia nos deparamos com um espírito acomodaticio em nosso Movimento, o que se mostra indicativo do descompromisso de muitos com a grandeza e clareza do Espiritismo, nada obstante continuem ocupando as mais diversas posições nos seus campos de atividades.

Resposta: José R. Teixeira , Revista Espírita “O Consolador”